

MORTALIDADE DE CORDEIROS PRODUTOS DE MATRIZES PRIMÍPARAS

Karine Carvalho Castro¹, Lenir Gonçalves Leite², Márcio André Peres Maciel³

1 – Graduanda do Curso de Medicina Veterinária, Centro Universitário da Região da Campanha – URCAMP;

2 – Médica Veterinária, MSc., Centro Universitário da Região da Campanha – URCAMP;

3 – Médico Veterinário Especialista em Produção Animal.

101

A mortalidade perinatal ocorre entre a concepção e os 28 dias de vida extra-uterina, que se classifica como morte pré-natal quando o embrião/feto morrem; natimortalidade quando a morte ocorre durante o parto ou poucas horas após; morte pós-natal quando o cordeiro morre no seu primeiro mês de vida. Nos ovinos, a classificação da placenta é sinepteliocorial, em que a circulação sanguínea materna e fetal são separadas, acontecendo o impedimento da passagem de imunoglobulinas da mãe para o feto. Assim, os cordeiros nascem hipo ou agamaglobulinêmicos, tornando indispensável a absorção de quantidades adequadas de imunoglobulinas provenientes do colostro, para obter um bom estabelecimento da imunidade passiva. A importância da limpeza dos cordeiros que ocorre através da lambedura da ovelha é um estímulo para iniciarem os movimentos e as tentativas em levantar-se, previne a hipotermia e provoca uma ligação e reconhecimento materno-filial. O risco de rejeição pela ovelha é maior quando ocorre a interferência do homem durante o parto e após, comuns em casos de distocia, nascimento gemelar, quando a matriz está desnutrida durante a gestação, em ovelhas primíparas e quando há concentração de muitos partos em piquetes maternidade coletivos. Os cordeiros recém-nascidos necessitam ingerir o colostro de qualidade e nos primeiros momentos de vida pós-parto, sendo a habilidade materna um dos fatores mais relevantes para que haja quantidades adequadas de imunoglobulinas absorvidas, para o sucesso da transferência de imunidade passiva. A ovelha ser primípara, além do manejo muito intenso por parte do homem neste período, são fatores que trazem reflexos negativos na sobrevivência do neonato, onde o ambiente em que os animais se encontram para parição deve ser calmo e com o mínimo de intervenção humana possível, porém com o necessário acompanhamento das partições em ovelhas de primeira cria.

Palavras-chave: Ovinos; perdas; nascimento; parto; imunidade; manejo.

INTRODUÇÃO

Dentre as definições de mortalidade perinatal, ou seja, aquelas que acontecem entre a concepção e os 28 dias de vida extra-uterina, classifica-se de acordo com o momento em que ocorre; morte pré-natal quando o embrião/feto morrem; natimortalidade quando a morte ocorre durante o parto ou poucas horas após; morte pós-natal quando o cordeiro morre no seu primeiro mês de vida. (RADOSTITS; LESLIE; FELTROW, 1994).

Os prejuízos representados pela mortalidade dos cordeiros recém-nascidos configuram-se como um dos principais fatores que incidem em uma

menor rentabilidade da produção ovina. As perdas de cordeiros após o nascimento são extremamente variáveis, porém algumas podem ser reduzidas mediante pequenos ajustes no sistema de manejo utilizado na propriedade. (VILLARROEL, A.S., 1987)

Alguns estudos realizados no Rio Grande do Sul mostram que os índices de mortalidade de cordeiros variaram de 10% (HANCOCK; COE; SILVA, 1996) a entre 8 e 21% (MÉNDEZ et al., 1982). Onde a maior parte das mortes foi causada pelo complexo inanição-hipoglicemia-hipotermia em cordeiros com poucos dias de vida, representando entre 57 e 78% de todas as mortes. (MÉNDEZ et al., 1982; OLIVEIRA; BARROS, 1982; HANCOCK; COE; SILVA, 1996).

Em animais ruminantes, como os ovinos, a placenta é classificada como sinepteliocorial, onde a circulação sanguínea materna e fetal são separadas, ocorrendo o impedimento da passagem de imunoglobulinas da mãe para o feto. Com isso os cordeiros nascem hipo ou agamaglobulinêmicos, entretanto torna-se indispensável a absorção de quantidades adequadas de imunoglobulinas provenientes do colostro, para com isso obter um bom estabelecimento da imunidade passiva. (TIZARD, 2002; CEBRA; CEBRA, 2005).

Denomina-se colostro a secreção produzida e acumulada na glândula mamária durante as últimas semanas de gestação, onde proteínas e imunoglobulinas presentes na corrente sanguínea são ativamente transferidas para o colostro (TIZARD, 2002).

Para obter-se um sucesso na transferência de imunidade passiva, ou seja, pelo colostro, a intervenção de alguns fatores relacionados à ovelha, ao cordeiro e ao manejo adotado na propriedade são importantes ou decisivos. Uma produção de colostro insuficiente, de má qualidade, atraso na ingestão ou ineficiência no processo de absorção intestinal resultará em uma falha na transferência de imunidade passiva. (RADOSTITS; LESLIE; FELTROW, 1994; RADOSTITS et al., 2002).

A ovelha dispensa cuidados ao cordeiro logo após ao parto, sendo inicialmente atraída para o recém-nascido pelos fluidos amnióticos e anexos fetais que cobrem sua(s) cria(s). A limpeza dos cordeiros por lambeduras é um estímulo para o cordeiro se movimentar e iniciar as tentativas em levantar-se, previne a hipotermia e provoca uma ligação e reconhecimento materno-filial. O sentido da olfação é responsável pela primeira ligação materno-filial, onde pelo olfato a mãe irá reconhecer sua prole (NOWAK et al., 1997; NOWAK et al., 2000).

A ovelha primípara, por ser inexperiente e por vezes mais estressada, pode demonstrar menores cuidados na limpeza de sua cria, podendo apresentar-se inquieta e até recusar a amamentar o seu cordeiro, principalmente se este apresentar-se letárgico (NOWAK et al., 1997; NOWAK et al., 2000).

Ovelhas primíparas não mostram o mesmo nível de competência com relação ao comportamento materno como as ovelhas múltiparas (DWYER et al., 2001; DWYER & SMITH, 2007; DWYER, 2008).

O risco de rejeição pela ovelha é maior quando existe interferência intensa do homem durante o parto e também no período seguinte. Isso ocorre em casos de distocia, nascimento gemelar, quando a matriz é mal nutrida durante a gestação, em ovelhas primíparas, quando há concentração de um grande número de partos em piquetes maternidade coletivos, dentre outros fatores. Cordeiros que nascem com baixo peso podem ser mais fracos, letárgicos e com vigor reduzido, havendo maior dificuldade para acompanhar a ovelha e mamar o colostro em poucas horas de vida. (RADOSTITS; LESLIE; FELTROW, 1994; RADOSTITS et al., 2002).

A demora no período do parto, que ocorre frequentemente em primíparas, e as intervenções humanas podem também ter efeito negativo sobre o comportamento materno, com o aumento da taxa de abandono de crias e agressões contra cordeiros (ARNOLD & MORGAN, 1975; ALEXANDER et al., 1990).

Ovelhas múltiparas apresentam comportamento de lamber sua cria mais rapidamente e facilitam a sucção de seus cordeiros, mostrando uma forte ligação

materno-filial com relação a ovelhas de primeira cria, as quais por muitas vezes apresentam características negativas como ocorrência de movimentos circulatorios, recuando e avançando sobre os cordeiros. (CEYHAN et al., 2012).

Embora ovelhas primíparas mostrem cuidados, lambendo e tendo balidos de baixa frequência como as ovelhas mais experientes (DWYER & LAWRENCE, 2000), elas são mais lentas para começar os cuidados com seus cordeiros, e mostram uma maior frequência de distúrbios comportamentais, como agressividade e uma falta de cooperação quando o cordeiro tenta sugar (DWYER & LAWRENCE, 1998; 2005a).

Dwyer (2014) salienta que ovelhas jovens precisam de mais tempo para desenvolver o comportamento materno antes de tentar retirar os animais do local do nascimento. Portanto, a experiência materna prévia da ovelha ao parto é um fator importante para o estabelecimento e continuidade do vínculo materno (BROWN, 1998).

A experiência prévia da matriz modula o seu comportamento, pois ovelhas primíparas tendem a ter um temperamento mais nervoso e se estressam com frequência durante o parto, demorando a iniciar os cuidados com os recém-nascidos ou mesmo rejeitá-los, e apresentam maiores probabilidades de abandonar suas crias, o que pode implicar no prejuízo à sobrevivência de seus cordeiros, sendo assim ovelhas múltiparas apresentam melhor Escore de Comportamento Materno, quando comparado a ovelhas primíparas (DWYER, 2008).

DISCUSSÃO

Analisando os estudos referentes ao comportamento materno-filial nos ruminantes, fica clara a importância dos primeiros contatos entre mãe e neonato, para que haja sucesso no reconhecimento de ambos e na transferência de imunidade passiva através do colostro ingerido pelo neonato nas primeiras horas de vida.

Segundo Villarroel (1987), as perdas econômicas representadas pela mortalidade dos cordeiros constitui um dos principais parâmetros na rentabilidade da ovinocultura, onde conforme Méndez et al. (1982); Oliveira; Barros (1982); Hancock; Coe; Silva (1996), a maior parte das mortes de cordeiros ocorre por falha nos cuidados maternos nos primeiros momentos de vida e por uma má absorção de imunoglobulinas, representando entre 57 e 78% de todas as mortes.

Devido ao fato dos cordeiros recém-nascidos necessitarem ingerir o colostro, para que haja quantidades adequadas de imunoglobulinas absorvidas, os cuidados maternos nestas primeiras horas de vida se tornam essenciais. Segundo Radostits et al. (2002) o sucesso na transferência de imunidade passiva, depende de fatores relacionados à ovelha, ao cordeiro e ao manejo. Em concordância com Nowak et al. (2000), relatando que a ovelha é estimulada a lamber a cria logo após o parto e este estímulo faz com que o cordeiro tente levantar e procurar a primeira mamada.

Um dos fatores determinantes no sucesso da transferência de imunidade passiva é a ingestão de um colostro de qualidade e nos primeiros momentos de vida pós-parto, porém a habilidade materna é um dos fatores mais relevantes, conforme citado por Nowak et al. (2000), que a ovelha de primeira cria demonstra menos cuidado com sua cria em relação a matrizes múltiplas, por conta do estresse gerado pelo parto, podendo até recusar a amamentar a cria. Porém esse estresse pode ser agravado pela presença e intenso manejo do homem nesse período, conforme relata Radostits et al. (2002) em casos de distocia, nascimento gemelar ou quando os animais são aglomerados em piquetes parição ou cabanhas, onde as matrizes tem o espaço físico reduzido na hora do parto.

CONCLUSÃO

Fica evidente que a sobrevivência de neonatos tem forte relação com o sucesso nas primeiras mamadas, e para que isso ocorra a ovelha deve cooperar

e estimular o recém-nascido. Além do número de partos da ovelha, o manejo muito intenso por parte do homem neste período, também tem reflexos negativos na sobrevivência do neonato, onde o ambiente em que os animais se encontram para parição deve ser calmo e com o mínimo de intervenção humana possível.

106

REFERÊNCIAS

CEBRA, C.; CEBRA, M. Enfermidades dos sistemas hematológico, imunológico e linfático. In: PUGH, D. C. **Clínica de ovinos e caprinos**. São Paulo: Roca, 2005, p.401-439.]

DWYER, C. M. Behavioural development in the neonatal Lamb: effect of maternal and birth- related factors. **Theriogenology**, v.59, n.3-4, p.1027-1050, 2003.

DWYER, C. M.; LAWRENCE, A. B.; BISHOP, S. C.; LEWIS, M. Ewe-lamb bonding behaviours at birth are affected by maternal undernutrition in pregnancy. **British Journal of Nutrition**, v.89, n.1, p.123-136, 2003.

HANCOK, R. D.; COE, A. J.; SILVA, F. C. Perinatal mortality in lambs in southern Brazil. **Tropical Animal Health Production**, v.28, n.4, p.266-72, 1996.

MÉNDEZ, M. C.; et al. Mortalidade perinatal em ovinos nos municípios de Bagé, Pelotas e Santa Vitória do Palmar, Rio Grande do Sul. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v.2, n.2 p.69-76, 1982.

NOWAK, R.; PORTER, R. H.; LÉVY, F.; ORGEUR, P.; SCHAAL, B. Role of mother-young interactions in the survival of offspring in domestic mammals. **Reviews of Reproduction**, v.5, n.3, p.153-163, 2000.

NOWAK, R.; et al. Development of a preferential relationship with the mother by the newborn lamb: importance of sucking activity. **Physiology & Behavior**, v.62, n.4, p.681-688, 1997.

OLIVEIRA, A. C.; BARROS, S. S. Mortalidade perinatal em ovinos no município de Uruguaiana, Rio Grande do Sul. **Pesquisa Veterinária Brasileira**, v.2, n.1, p.1-7, 1982.

RADOSTITS, O. M.; LESLIE, K. E.; FETROW, J. Health and production management for sheep. In: _____. **Herd Health: Food Animal Production Medicine**. 2.ed. Philadelphia: WB Saunders, 1994. p.527-606.

RADOSTITS, O. M.; GAY, C. C.; BLOOD, D. C.; HINCHCLIFF, K. W. Doenças do recém-nascido. In: **Clínica Veterinária: Um tratado de doenças dos bovinos, ovinos, suínos e eqüinos**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 2002. p.102-136.

TIZARD, I.R. **Imunologia veterinária**: uma introdução. 6. Ed, p. 120, São Paulo: Roca, 2002.